

Envelhecimento Perspetivas, projetos e práticas inovadoras

Organização

Maria Conceição Antunes

Maria Engrácia Leandro

hnmus

Introdução

O envelhecimento humano é um fenómeno inerente a todo o indivíduo, caracterizando-se por ser um processo de alterações morfológicas e funcionais do organismo que vão ocorrendo ao longo da vida. Envelhecer é um processo natural e, assim, como as demais etapas da vida é um processo de transformações do organismo acompanhadas de alterações que vão desde a aparência física, às manifestações cognitivas e comportamentais, aos papéis sociais, passando pelas experiências e relações estabelecidas ao longo dos anos (Portella, 2004; Parente, 2006).

Não obstante o facto da educação permanente ser um conceito com algumas décadas de existência, verificamos que a oferta educativa dirigida à população idosa tem sido, até há muito pouco tempo, praticamente nula. Os tempos parecem, contudo, ser de mudança pois, atualmente, assistimos a uma crescente demanda de programas, ações e atividades educativas para este segmento da população. Contrariamente ao preconceito muito divulgado de que o adulto idoso não consegue continuar a aprender, evoluir e aperfeiçoar-se, a educação na terceira idade começa, nos nossos dias, a tornar-se, uma realidade. Como Schons & Palma (2000) fazem notar "(...) pela primeira vez na história da humanidade, homens e mulheres idosos, de maneira coletiva, recomeçam ou continuam os seus estudos, transformando num fenómeno social o que até há bem pouco tempo era um privilégio de minorias ricas e cultas" (p.160).

Sendo a educação concebida como um processo promotor de condições de desenvolvimento integral do ser humano, que prepara para acompanhar as transformações inerentes a cada etapa da vida, só pode ser entendida como um processo permanente, cuja necessidade é relevante em todas as fases da vida, inclusive na idade avançada quando as condições de vida sofrem alterações profundas. Tanto mais que o aumento da longevidade permite viver muito mais anos de vida. Partilhamos a opinião de Fogaça (2001), quando afirma que a educação/aprendizagem durante a velhice é tão importante como a que prepara o indivíduo para a passagem da infância à vida adulta, constituindo-se um mecanismo importante para o conhecimento do processo de envelhecimento.

A educação na terceira idade constitui um instrumento poderoso que favorece o conhecimento e a adequação às alterações inerentes a esta fase da vida, permite ampliar a participação dos indivíduos na vida social e cultural promovendo deste modo as relações interpessoais e a qualidade de vida. Como Neri (2004) refere, a educação emerge como uma alavanca para o fortalecimento da autoestima e da integração dos idosos na sociedade, procurando transpor as limitações e os preconceitos que, aprioristicamente, são impostos a esta faixa etária.

A educação na terceira idade centrando-se em atividades educativas como forma de utilizar o tempo livre, envolve orientações sobre envelhecimento, programas de preparação para a reforma, bem como, atividades artísticas, físicas e culturais (Cachioni, 2003). O aprimoramento educacional na terceira idade, mais do que uma alternativa à ocupação do tempo livre, constitui-se numa forma de lazer e um espaço propício para a formação de novos conhecimentos e novos laços de amizade, promovendo uma nova forma de vivenciar o processo de envelhecimento mais saudável, ativa e participativa sendo, por isso, considerada uma forte aliada do processo de transformação social. Poderemos dizer com Silva (2007), que “a educação é um momento do processo de humanização” (p. 26).

Acreditando que a velhice é, também, uma fase de avaliação do processo de vida experienciado, fomentadora e propensa a momentos reflexivos, destacamos a educação como instrumento fundamental para compreendê-la, contribuindo para ocasionar transformações significativas no processo de envelhecimento. Educar para o envelhecimento é, incontornavelmente, construir uma ponte de acesso a uma outra maneira de significar, entender, viver e conviver com o envelhecimento.

Gerontologia educativa: emergência e breve contextualização

Nos nossos dias é comumente aceite a ideia de que a educação é um processo permanente e comunitário ocorrendo ao longo de todas as fases da vida e tendo lugar não apenas dentro dos limites das instituições formais de ensino, mas em todas as instituições da comunidade. Se, na década de cinquenta do século vinte, a educação formal de e para adultos constituiu grande inovação no campo educacional, dado que até à altura educação era sinónimo de educação escolar dirigida a crianças e jovens, as últimas décadas promoveram um novo conceito e uma nova realidade dentro do mundo educacional – a educação da e na terceira idade.

O aumento significativo da população idosa (fundamentalmente nos países desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento), a reforma antecipada, a necessidade de os idosos se prepararem para viver com as mudanças constan-

tes da vida, quer em termos pessoais, quer no âmbito das rápidas transformações da sociedade atual e as notáveis informações da neurofisiologia de que o cérebro se regenera, têm vindo a fomentar o investimento na educação para a terceira idade.

A tomada de consciência da necessidade de a educação passar a integrar a faixa etária e os problemas concernentes à chamada terceira idade revelou-se no contexto da literatura anglo-saxónica já nos meados da década de 50 do século xx. Contudo, é na década de 1970 que surge, pela primeira vez, a expressão ‘gerontologia educativa’ como título de um programa de doutoramento na Universidade de Michigan que tinha como tema central a educação e as pessoas idosas (Veloso, 2011).

Não obstante o facto de terem existido outras tentativas, a definição de gerontologia educativa de David Peterson, em 1976, enquanto um campo de estudo e prática que se focaliza nas questões da educação de pessoas adultas ou em processo de envelhecimento e nas questões do envelhecimento, foi a que se mostrou mais relevante (Glendenning, 1990; Withnall, 2002). Na década de oitenta, Peterson, viria a acrescentar que a gerontologia educativa tem como finalidade evitar o envelhecimento precoce e favorecer o crescimento psicológico, enquanto campo de estudo, a gerontologia educativa investiga as alterações intelectuais que ocorrem com a idade, as adaptações requeridas na aprendizagem face às especificidades que alunos idosos requerem e as motivações que, nesta idade, poderão ou não condicionar a participação (Peterson, 1990; 2004). Peterson apresenta esta nova área do saber que, em sua opinião, se centra na tentativa de aplicar o que se conhece sobre a educação e o envelhecimento com o intuito de beneficiar o aumento da qualidade e da satisfação com a vida por parte dos idosos, estruturada em três dimensões: a) educação para os idosos; b) educação para a população em geral sobre o envelhecimento; c) formação de recursos humanos para o trabalho com idosos (cf. Peterson 1990; 2004).

Esta definição foi sofrendo alguns desenvolvimentos, nomeadamente em Inglaterra, onde, em 1985, Glendenning apresenta uma nova definição que estabelece a distinção entre Gerontologia Educativa, ou seja, educação para os idosos e Educação Gerontológica educação para o público em geral e para os profissionais sobre o envelhecimento. Na perspetiva de Glendenning e Battersby (1990), a gerontologia educativa dizem respeito todos os aspetos relacionados com a aprendizagem das pessoas idosas, ou seja, a aprendizagem nos anos tardios; a educação gerontológica dizem respeito todos os aspetos relacionados com a aprendizagem para o público em geral acerca das questões do envelhecimento e com as questões da formação de recursos humanos para trabalhar com pessoas idosas (cf. Veloso, 2011).

A medida que o conceito e a intervenção educativa com a população idosa se foram desenvolvendo, foram surgindo, também, reflexões que anunciavam

e promoviam o aparecimento de uma nova abordagem da pedagogia educativa, mais crítica e mais inovadora que viria a ser denominada de Gerontologia Educativa Crítica. Inspirada nos princípios de um dos principais precursores das chamadas pedagogias críticas, o eminente pedagogo e humanista Paulo Freire, a gerontologia educativa crítica afasta-se da abordagem académica mais clássica, fundamentando-se em práticas que valorizam e satisfazem as necessidades e interesses dos idosos e estimulam a sua participação ativa no processo de aprendizagem. A gerontologia educativa crítica procura através da sua prática, envolver o idoso no seu processo educativo levando-o a tomar consciência da sua condição social, dos seus direitos e deveres, das suas fragilidades e potencialidades e do papel que tem na melhoria da sua qualidade de vida, conferindo-lhe instrumentos e competências que lhe permitam transformar e melhorar o seu bem-estar.

Esta abordagem de uma intervenção educativa crítica com idosos procura ser uma ação pedagógica e social conscientizadora, libertadora e emancipatória, (Freire, 1967, 1975, 2000), um instrumento de conscientização e de transformação que permite ao idoso continuar a ser o ator e autor da sua história de vida. A intervenção educativa crítica deve conceber-se e implementar-se com base na bagagem vivencial e cultural dos idosos, ajudando-os a manterem-se integrados no seu contexto social, a promover o seu autoconhecimento para que mais facilmente possam detetar as suas limitações, possam compreendê-las e contorná-las e sejam capazes de identificar as suas possibilidades rentabilizando-as para uma melhoria das suas condições de vida. Enquanto intervenção educativa emancipatória, a gerontologia educativa crítica procura libertar de antigas e deturpadas assunções e atitudes sobre o envelhecimento, atribuindo à educação a capacidade de *empowerment*, de emancipar e capacitar indivíduos, grupos e organizações através de conhecimentos e técnicas que lhes permitam realizar mudanças significativas para obtenção de um maior bem-estar (Cusak, 2000).

É importante relevar que a gerontologia educativa crítica se coloca na perspectiva dos documentos internacionais da Unesco, entendendo a educação como uma conquista civilizacional, um direito de todos, "mais que um direito, a educação é a chave para o século XXI" (Unesco, 1997, p.9), um instrumento de libertação, emancipação e realização pessoal ao alcance de todos e, fundamentalmente por esta razão, também dos idosos. Significativo é verificarmos que nesta perspectiva, a educação dos idosos não tem como função preencher tempos livres ou evitar o envelhecimento, não obstante o facto de estes objetivos não serem descurados, a sua finalidade é libertar e capacitar ... para trans(formar).

Face a um mundo em mudança onde se exige uma adaptação constante a novas realidades e contextos profissionais, sociais e culturais, a educação ao

longo da vida constitui-se como um requisito fundamental para fazer face a esta nova mundividência. Evidencia-se a tomada de consciência crítica que doravante todos os cidadãos – crianças, jovens, adultos ou idosos – para poderem estar integrados nas comunidades em que vivem – sejam urbanas ou rurais – e participarem nas práticas sociais, culturais e comunitárias necessitam estar em processo contínuo de aprendizagem/educação/formação.

As propostas e princípios da gerontologia educativa crítica rapidamente passaram a integrar os programas educativos para idosos na América e no Canadá e, na década de 1990, estenderam-se, também, aos programas educativos espanhóis e de alguns países latino-americanos (Cachioni e Neri, 2004). Atualmente, a Espanha é um país que possui um elevado número de investigadores que trabalham nesta área do conhecimento (Cachioni e Neri, 2004), realidade que encontramos, também, na maior parte dos países europeus. Em Portugal, poderemos dizer que o estudo e, de um modo particular, a intervenção nesta área são bastante recentes.

A gerontologia educativa no paradigma da educação ao longo da vida

Como temos vindo a defender, o mundo atual exige uma conceção aberta de educação que é chamada a cumprir um papel fundamental na elaboração de políticas, estratégias e intervenções promotoras do desenvolvimento humano. Neste sentido, a educação dos nossos dias, entendida como educação para o desenvolvimento, deve constituir-se de programas que respondam a demandas individuais/coletivas favorecedoras da autonomia, da participação e da emancipação dinâmica dos indivíduos e das coletividades visando a (trans)formação social. Promover e incrementar oportunidades favorecedoras do melhoramento das condições de vida e bem-estar das pessoas e das comunidades a que pertencem constitui, então, a finalidade última e o grande desafio da educação neste novo século.

Esta conceção ampla de educação deve orientar-se para um desenvolvimento integral que contempla o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e o aprender a ser (Delors, 1996), tendo em conta não só todas as dimensões como, outrossim, todas as necessidades educativas de cada uma das fases etárias do ser humano. Isto significa que a educação é um processo a desenvolver-se ao longo da vida, não podendo dirigir-se e definir-se em relação a um período particular da vida (infância e juventude), mas uma construção contínua de conhecimentos e aptidões que promovam a integração e a autonomia dos indivíduos num mundo em constante transformação, provendo a todas as pessoas "desde a infância até ao fim da vida, um conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si mesmas" (Delors, 1996, p.104).

Não obstante o facto de a educação formal não ter conseguido acompanhar as profundas mudanças da sociedade atual, apresentando lacunas tão graves na formação e educação das pessoas mais velhas que poderemos dizer que as postas educativas atuais excluem o segmento da população idosa, nas últimas décadas muitos são os testemunhos que apontam a necessidade e a mais-valia da educação para adultos maduros e idosos. Para além do facto de a educação ser um direito de todos, a longevidade da vida, a grande densidade de população idosa atual, a disponibilidade de tempo e a autonomia de que usufrui, os ganhos evolutivos que são apontados às oportunidades educativas por intensificarem os contactos sociais, a troca de experiências e de conhecimentos e o aperfeiçoamento pessoal, constituem importantes argumentos justificativos da necessidade de investir na educação de pessoas idosas (Cachioni e Neri, 2004).

A complexidade do fenómeno do envelhecimento humano pressupõe que a educação para e com as pessoas idosas se desenvolva segundo procedimentos e abordagens que atendam aos aspetos específicos deste processo. A Gerontologia Educativa constitui o enquadramento apropriado para o desenvolvimento do processo educativo/ formativo da última fase da vida, um campo de saber cujo objeto se joga na interface entre as questões do envelhecimento e as questões da educação. Convocando o pensamento de Requejo (1998; 2005), a Gerontologia Educativa surge como âmbito disciplinar que demarca um espaço científico que contrabalança adequadamente os dois planos abrangidos na educação de ou com idosos: o pedagógico e o gerontológico.

O principal quadro de crescimento da Gerontologia Educativa relaciona-se com a conceção e implementação de modelos e programas de educação/formação, animação, estimulação e enriquecimento pessoal dirigidos aos idosos. "A sua área de atuação são todas as atividades educativas em que participem os idosos" (Lowy e O'Connor, 1986, p.12), o desenvolvimento de propostas de ação educativa dirigidas a grupos de idosos a partir dos seus contextos e realidades específicas com a finalidade de melhorar a qualidade de vida e aumentar o bem-estar. Assim, a educação na terceira idade deverá centrar-se em temáticas e atividades que promovam a compreensão das mudanças que ocorrem a nível físico, cognitivo e comportamental nos indivíduos em processo de envelhecimento; a compreensão das mudanças que ocorrem nos contextos em que os idosos estão inseridos, constituindo-se uma ferramenta de apoio ao idoso na superação dos obstáculos e dos novos desafios que vão surgindo nesta fase da vida, promovendo o desenvolvimento de competências que permitam superar as novas situações e a assunção de novos papéis sociais.

Estes programas educativos devem ser regulados pelas circunstâncias pessoais e particulares dos indivíduos, pela valorização das suas expectativas, necessidades e interesses, pelo contexto social existente (ambiente de institucionalização, ambiente familiar, solidão) e pelos conhecimentos gerontológicos

disponíveis sobre aspetos fisiológicos, motivacionais, cognoscitivos, afetivos e espirituais que podem ter incidência na participação dos idosos em atividades educativas e de aprendizagem permanente. Neste sentido, a educação de e com idosos propõe uma conceção metodológica de trabalho, fundamentada numa pedagogia ativa e participativa em que cada idoso se converte no protagonista ou principal agente do seu processo educativo.

A investigação gerontológica, nos últimos anos, tem vindo a demonstrar que fatores como o desempenho de papéis sociais significativos, a manutenção do sentido e significado da vida e um nível satisfatório de autonomia e independência explicam o envelhecimento bem-sucedido e, até mesmo, a longevidade das pessoas. Pequenos estudos empíricos que temos vindo a desenvolver ao nível do Mestrado em Educação, na área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária revelam que a intervenção educativa tem um efeito comprovado no bem-estar psicológico e satisfação com a vida e, outrossim, contribui para diminuir os efeitos negativos de algumas características específicas da idade tardia. Poderemos dizer que a educação na terceira idade, para além de se constituir um instrumento de promoção social desenhada, também, um importante papel ao nível da manutenção, prevenção da deterioração e recuperação das capacidades cognitivas.

Efetivamente, nos últimos anos, têm surgido estudos empíricos que comparam os níveis de educação e os de saúde, comprovando que o treino do raciocínio indutivo, da memória e de outras funções mentais proporciona provas claras da eficácia das intervenções educativas (Neely e Backman, 1993; Willis e Nesselroade, 1990). A intervenção educativa ao promover a atividade intelectual (através da leitura, da escrita e de outras atividades que exercitem a linguagem e o pensamento) ajuda à manutenção da atividade cerebral, prevenindo a perda de capacidades.

Importa pois, referir que a intervenção educativa estimula intelectualmente, observando-se uma melhoria ao nível cognitivo e os seus benefícios revelam-se no aumento da aptidão de resolução de problemas da vida diária e, consequentemente, numa forma mais positiva de encarar a realidade. Na intervenção educativa com idosos é importante desenvolver atividades de estimulação cognitiva pois, como Lemaire & Bherer (2012) referem "a plasticidade cognitiva persiste apesar do avançar da idade" (p.430). Ao desenvolver-se normalmente num contexto grupal promove, simultaneamente, as relações interpessoais e o contacto com os outros, melhorando as relações afetivas, o bem-estar pessoal e a qualidade de vida do indivíduo.

Nesta linha de pensamento Requejo Osório (1994), considera que a gerontologia educativa, como âmbito de intervenção prática, pode ser sintetizada em três objetivos específicos: evitar declínios e consequências do envelhecimento; propiciar papéis significativos aos idosos favorecendo a integração no seu

contexto familiar, social e comunitário; e aumentar o crescimento e o desenvolvimento pessoal. Todos estes objetivos apontam para uma maior fruição e aumento da qualidade de vida.

A intervenção educativa na terceira idade tem como objetivo proporcionar um espaço de convívio, de participação e partilha de saberes programado em torno dos problemas que os idosos desejam resolver, das necessidades que esperam ultrapassar e das expectativas e motivações que aspiram satisfazer. É uma tarefa dinâmica e baseada nas experiências e valores pessoais dos idosos a realizar com eles – não para eles – que tem como finalidade o favorecimento da conscientização dos seus problemas mas, também, da riqueza das suas vidas pessoais e profissionais e da importância desse saber experiencial; o favorecimento das respostas às suas necessidades biopsicossociais e espirituais e a realização de aspirações não concretizadas. Deste modo, a educação na terceira idade “deve ser ativa, participativa, gratificante, construtiva, colaboradora e qualificadora, organizada em torno das experiências pessoais congruentes com a ideia de velhice enquanto construção e não enquanto uma mera etapa avançada da vida” (Pinto, 2008, p. 61-62).

Convocando Tamer (1999), o sucesso da aprendizagem na terceira idade, não depende de fatores concernentes à idade mas de ambientes estimulantes ao pensamento original e crítico, onde os conteúdos a aprender tenham um valor prático e relevante para o idoso e onde este se sinta o agente do processo educativo e com a sua experiência e saber se possa tornar ator da (trans)formação da sua realidade histórico-social. A aprendizagem na terceira idade deve, por isso, relacionar-se com a resolução dos problemas próprios desta fase etária e constituir-se uma ferramenta de apoio para superar os desafios desta nova etapa da vida (Kachar, 2001).

A educação emerge como uma alavanca para o fortalecimento da autoestima e da integração dos idosos na sociedade, procurando transpor as limitações e os preconceitos que aprioristicamente são impostos a esta faixa etária (Neri, 2004). A educação na terceira idade deve promover informação e fomentar a discussão crítica dos problemas existentes na comunidade, permitindo, assim, a participação dos idosos nas diferentes dinâmicas e atividades desenvolvidas facto que proporcionará sentimentos de pertença, integração e bem-estar.

Na perspectiva da educação ao longo da vida, a educação na terceira idade procura, na última fase da existência humana, continuar a formação individual, disponibilizando ferramentas que permitam a continuação da participação dos indivíduos idosos na vida social e cultural. O objetivo da intervenção educativa na terceira idade é “positivar o envelhecimento e a velhice, acenando as potencialidades do ser humano, seja qual for a sua idade vital” (Jacob & Fernandes, 2011, p. 24).

Neste sentido, a educação na terceira idade, desenvolve-se na modalidade

de programas educativos que visam a aprendizagem de processos de adaptação à nova fase de existência. Estes programas podem ser entendidos como projetos a levar a cabo pelos próprios participantes no sentido do seu desenvolvimento pessoal e social, de promoção da sua autonomia, de estilos de vida saudável e de saúde, de maximização das suas capacidades e de melhoramento da prevenção, de tratamento e reabilitação que as doenças, as debilidades e as potenciais dependências do processo de envelhecimento vão exigindo, com o intuito de beneficiar os níveis de satisfação e qualidade de vida. Projetos educativos construídos com base na troca e partilha de conhecimentos, saberes, técnicas, experiências e informações que favorecem a continuidade de uma vida ativa e participativa na fase tardia da vida.

Numa sociedade onde a longevidade é já uma realidade assumida é urgente assumir, também, a necessidade incontornável da intervenção educativa na terceira idade pois, como sabemos, não obstante o facto de a educação ao longo da vida, ser nos nossos dias, intracomunitariamente aceite, os níveis de participação de idosos em atividades de educação formal e não formal são ‘desapontadoramente’ baixos (Simões, 1999). A educação na idade adulta e madura tem um papel fundamental na mudança de mentalidades e representações acerca do processo do envelhecimento, preparando adultos e idosos a aprender a perspetivar e planejar o tempo de reforma, a aceitar as mudanças inerentes ao processo de envelhecimento e a manter o interesse e conhecimento pelo mundo que os rodeia.

Cada vez mais a vivência desta fase do desenvolvimento humano integra um coletivo populacional portador de níveis de saúde, independência e autonomia que poderemos considerar bastante razoáveis é pois, fundamental fomentar a participação ativa deste grupo nas comunidades em que se insere, reforçando a sua autoestima e autonomia só conseguidos através de uma educação ao longo da vida (Requejo, 1998), que concebida e direcionada para esta fase da vida fomenta o estabelecimento de relações sociais, a concretização de projetos adiados, o desenvolvimento de capacidades adormecidas e a aquisição de novos conhecimentos que possibilitem responder aos novos desafios da fase tardia da vida. Por outras palavras, trata-se de uma “educação e aprendizagem orientadas para a convivência, a solidariedade humana, a compreensão crítica dos problemas contemporâneos, isto é, para a “procura da sabedoria” (Lima, 2008, p. 2).

Gerontologia educativa e animação sociocultural

A intervenção educativa na terceira idade delineada da forma acima descrita centra a sua metodologia na animação sociocultural, nas suas diversas modalidades.

A animação sociocultural enquanto conjunto de ações realizadas por indivíduos, grupos ou instituições sobre uma comunidade com o propósito de promover nos seus membros uma atitude de participação ativa no processo de seu próprio desenvolvimento, tanto social como cultural (Trilla, 1997), é uma estratégia, uma metodologia, um modelo de intervenção (Úcar, 2006; Ventosa, 2007) que se tem vindo a revelar muito apropriada à intervenção educativa com idosos.

Enquanto uma forma de ação sociopedagógica que, segundo Ander-Egg (2002), mesmo sem ter um perfil de atuação totalmente definido, se caracteriza pela busca de processos de participação, pela criação de espaços para a comunicação interpessoal e para a promoção da plena participação é uma técnica de intervenção ativa, participativa e organizada em torno das experiências pessoais dos participantes. Ao promover a estimulação da iniciativa grupal; a interação entre os indivíduos; o gosto por atividades criativas e inovadoras de pesquisa, análise, reflexão, organização social e participação cidadã, ajusta-se às finalidades da gerontologia educativa enquanto promotora de uma educação participativa, libertadora e emancipatória programada para redirecionar e redimensionar as ações dos idosos rumo a um envelhecimento mais consciente, mais ativo e com melhor qualidade de vida.

Ventosa (2009) considera que a animação de pessoas idosas é uma das mais recentes especialidades de animação, constituindo uma especialidade da animação sociocultural cuja finalidade é aumentar a qualidade de vida das pessoas mediante a sua implicação ativa, participativa e grupal no desenvolvimento de projetos e atividades que respondam às suas necessidades e interesses. Lopes (2008) reitera, também, esta opinião ao afirmar que "a animação sociocultural na terceira idade funda-se (...) nos princípios de uma gerontologia educativa promotora de situações otimizantes e operativas com vista a auxiliar as pessoas idosas a programar a evolução natural do seu envelhecimento, a promover-lhes novos interesses e novas actividades" (p.329). Nesta mesma linha de pensamento Trilla e Puig (2004), defendem que uma das funções essenciais da animação sociocultural é fazer com que indivíduos e coletividades se transformem em agentes do seu próprio desenvolvimento ao longo da vida. Deste modo a intervenção educativa na terceira idade, ao recorrer à animação sociocultural procura a promoção do bem-estar e qualidade de vida, centrando a sua ação na participação dos idosos. Requejo (2008) considera que a participação na vida comunitária é importante em todas as fases da vida, de modo particular, na fase da reforma, dado que permite que as pessoas se mantenham ativas, fomentando novas relações sociais, redes de contacto, associativismo e voluntariado.

Parece ser um facto reiteradamente evidenciado por muitos autores que recorrendo aos conhecimentos da gerontologia educativa, a animação socio-

cultural se destaca como instrumento incontornável nas aproximações que se vão operacionalizando no sentido de favorecer um envelhecimento ativo. A animação sociocultural na intervenção com idosos propõe-se como desafio pedagógico e social, impulsionar mudanças conceituais, atitudinais e comportamentais de modo a amenizar as percepções e representações negativas da terceira idade, impulsionando uma conceção de velhice entendida como mais uma fase da vida.

É importante realçar que a par de um aumento quantitativo da esperança média de vida constatamos, atualmente, um aumento significativo da qualidade da mesma, ou seja, não só se vive mais anos como também se vive cada vez melhor, com mais saúde e maior qualidade de vida, isto faz com que a vida do idoso não se apresente como uma fase terminal, mas como uma nova etapa aberta a inúmeras possibilidades de aperfeiçoamento e desenvolvimento pessoal e social (Ventosa, 2009).

Não descurando o facto de a terceira idade ser um grupo populacional muito heterogéneo que integra uma franja de população debilitada e dependente, maioritariamente e, cada vez mais, para além de continuar a possuir capacidade de aprendizagem e aperfeiçoamento, este grupo populacional caracteriza-se por ser um grupo com protagonismo na condução da sua própria vida e com uma participação ativa na vida da comunidade. Efetivamente, é um grupo que detém um capital ativo humano e social único pela sua preparação, experiência, maturidade e sabedoria (Férnandez, 2009) que deve ser redirecionado promovendo novas sinergias, quer em proveito próprio, quer em proveito de outras franjas geracionais.

Neste sentido, a animação sociocultural enquanto estratégia de intervenção educativa na terceira idade tem como desafio consciencializar a sociedade e os próprios idosos deste grande capital ativo e trabalhar no sentido de promover e impulsionar condições de mudança nos próprios idosos de forma a confiarem nas suas capacidades para continuarem ativos, realizarem novas aprendizagens, aprenderem a contornar as suas limitações de forma a aumentarem a sua esperança média de vida e, fundamentalmente, a qualidade da mesma.

A animação sociocultural deve trabalhar no sentido de revalorizar o papel do idoso na sociedade, através de programas que promovam a criação de oportunidades reais de interação e participação ativa nos destinos das comunidades de pertença. Isto pressupõe, como é idiossincrático à intervenção educativa pela animação sociocultural, desenvolver processos educativos desde e com a comunidade onde os idosos são protagonistas e não meros espectadores ou objetos de ação. Como Ventosa (2009) refere a animação sociocultural apresenta como alternativa ao enfoque passivo sanitário-assistencial que considera o idoso um paciente que deve ser ajudado ou assistido, um enfoque ativo e

participativo de intervenção, no qual o idoso é um sujeito agente e protagonista do seu projeto de vida.

Enquanto grupo populacional que cresce e ganha visibilidade social, os idosos estão a exigir cada vez mais a formação especializada de profissionais para o cumprimento de papéis e tarefas específicas, de entre as quais se tem vindo a destacar a função educativa e do educador no trabalho direcionado para idosos. Tendo em conta os requisitos básicos da animação sociocultural qualquer intervenção educativa com idosos deve ter em conta que a aprendizagem deve centrar-se no educando e ser conduzida por ele. Cabe ao educador o papel de orientador e/ou facilitador, empenhado em fazer dos momentos de aprendizagem, momentos de encontro, de interação social e intercâmbio de ideias e experiências, no sentido de favorecer uma aprendizagem significativa com valor prático e relevante para a vida do idoso.

Segundo Ventosa (2009), as atividades de animação sociocultural devem cumprir três requisitos básicos:

- intencionalidade pedagógica, não obstante poder ser recreativa, a animação sociocultural deve ser, sobretudo, emancipadora, criando condições de desenvolvimento integral, através da participação e implicação ativa dos agentes sociais;
- metodologia animadora, o trabalho da animação sociocultural é processual, ou seja, obedece a um plano de execução com fases próprias e sequenciais;
- suficiente qualificação, face à complexidade e interdisciplinaridade exigida nas atividades de animação, os profissionais devem ter uma formação específica. É importante realçar que a qualificação exigida a um educador/animador, ainda que proveniente em grande parte da sua capacitação e formação, não se esgota aí. Provém, em grande medida, das suas qualidades pessoais, da sua personalidade, dado que a tarefa do educador não se caracteriza tanto pelo que se faz mas sim pela maneira como se faz, (cf. Ventosa, 2009, p. 338).

Este facto faz com que não possa ser animador quem quer, mas quem tem, efetivamente, qualidades e capacidades pessoais que favoreçam o desempenho desta profissão. O animador deve ser um profissional capaz de mobilizar e dar vida, inspirar e dar confiança, mediar conflitos e tensões, ser entusiasta, sensível e solidário, qualidades incontornáveis, sem as quais se desvirtua qualquer intervenção pela animação sociocultural enquanto uma técnica de intervenção social que procura, fundamentalmente, melhorar as condições e a qualidade de vida das populações (cf. Ventosa, 2009, p. 339).

O educador é um dinamizador e facilitador da aprendizagem colaborativa que tem a tarefa de providenciar as informações, conhecimentos, saberes e

técnicas necessárias para que os idosos possam (saibam) operacionalizar comportamentos e ações promotores das mudanças desejadas (Antunes, 2011). O seu trabalho centra-se na construção coletiva do conhecimento da realidade dos idosos, ou seja, conscientizar para essa realidade apurando dificuldades e potencialidades (através do estímulo, da informação, da promoção da comunicação, do sentido crítico, da iniciativa, da responsabilização) e com base nesta avaliação da realidade, desenhar e dinamizar em conjunto com a população idosa ações e programas promotores do bem-estar e do desenvolvimento pessoal e coletivo.

Reflexões finais

Parece ser consensual a ideia de que uma longevidade de vida tão grande, bem como uma proporção tão elevada de idosos como aquelas a que assistimos nos nossos dias, e portanto, considerando as dimensões que o 'fenómeno do envelhecimento' atingiu neste dealbar do século XXI, torna-se necessariamente obrigatório repensar as políticas sociais e de saúde. Concordamos com Rodrigues (2009) quando refere que, não obstante a sua relevância, embora as respostas no âmbito da saúde sejam aquelas que são mais evidentes e as que mais se têm vindo a adequar às necessidades da população, é importante realçar que não são as únicas a interferir num processo de envelhecimento bem-sucedido.

Pese embora o facto de termos aqui mencionar áreas fundamentais na preparação do fenómeno que vamos designando de envelhecimento ativo ou bem-sucedido, ao refletirmos e escrevermos sobre Educação na Terceira Idade pretendemos, fundamentalmente, contribuir para a compreensão de que não só as políticas sociais e de saúde necessitam ser repensadas mas, outrossim, e com urgência, as políticas educativas.

Procuramos com o nosso texto evidenciar o facto que a educação é um processo a ocorrer ao longo da vida, um instrumento ao serviço do desenvolvimento humano, preparando para as especificidades e necessidades de cada fase da vida e, neste sentido, um direito de que todos podem e devem usufruir.

Deixamos a anotação de que, segundo os resultados de muitos estudos, a educação é um instrumento poderoso na preparação para um envelhecimento bem-sucedido, mais saudável e com melhor qualidade de vida.

Introduzimos algumas notas orientadoras para a conceção e implementação de projetos, programas e ações educativas direcionadas para adultos e idosos no sentido de preparar um envelhecimento com melhor qualidade de vida.

Esperamos ter despoletado a consciência de que, se para colmatar as necessidades sentidas, quer pelos idosos, quer pelas famílias no cuidado aos seus idosos no domicílio, temos vindo a assistir à alteração e adequação das políticas sociais e de saúde e ao aparecimento de novos profissionais de dis-

tintas áreas, a mudança das políticas e práticas educativas e esta figura emergente de educadores de adultos e idosos são imprescindíveis neste processo de preparação e vivência da fase tardia da vida com mais bem-estar e melhor qualidade. Como ensinou Paulo Freire (1996), "se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode" (p.126), e neste caso, os estudos científicos realizados e a avaliação de projetos implementados revelam que a educação pode (...) muito.

Referências Bibliográficas

- Ander-Egg, E. (2002). *Metodología y práctica de la animación sociocultural*. Madrid: Editorial CCS.
- Antunes, M.C. (2011). A animação sociocultural e a educação comunitária. In J. Pereira, M. Lopes (Coords). *As fronteiras da animação sociocultural* (pp.147-159). Amarante: Intervenção.
- Cachioni, M. (2003). *Quem educa os idosos? Um estudo sobre os professores de universidade da terceira idade*. Campinas/SP: Editora Alínea.
- Cachioni, M. Neri, A. (2004). Educação e gerontologia: desafios e oportunidades. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*. 99-115.
- Cusak, S. (2000). Critical educational gerontology and the imperative to empower. In F. Glendenning (Ed). *Teaching and learning in later life. Theoretical implications* (pp.61-75). Hants: Ashgate.
- Delors, J. (1996). *L'éducation un trésor est caché dedans*. Paris: Ed. Odile Jacob.
- Fernandez, M.J. (2009). A animação social comunitária na terceira idade: âmbitos e perspectivas de intervenção na sociedade atual. In J. Pereira, M. Lopes (Coords). *A animação sociocultural na terceira idade* (pp.306-332). Amarante: Intervenção.
- Freire, P. (1975). *Pedagogia do oprimido*. Porto: Afrontamento.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. S. Paulo: Editora Paz e Terra.
- Freire, P. (1967). *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2000). *Pedagogia da esperança*. S. Paulo: Editora Paz e Terra.
- Fogaça, M.C. (2001). *Reflexões sobre o envelhecimento*. S. Paulo: LTR.
- Glendenning, F. (1990). The emergence of educational gerontology. In F. Glendenning & K. Percy. *Ageing, education and society. Readings in educational gerontology* (pp.13-23). Staffordshire: AEG.
- Glendenning, F., Battersy, D., (1990). Why we need educational gerontology for older adults: a statement of first principles. In F. Glendenning & K. Percy. *Ageing, education and society. Readings in educational gerontology* (pp.219-231). Staffordshire: AEG.
- Kachar, V. (2001). *Longevidade. Um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez Editora.
- Jacob, L. & Fernandes, H. (2011). *Ideias para um envelhecimento ativo*. Almeirim: RUTIS.
- Lemaire, P. & Bherer, L. (2012). *Psicologia do envelhecimento. Uma perspectiva cognitiva*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lima, L. (2008). Programados para aprender. *Aprender ao longo da vida*. 9. 2.
- Lopes, M. (2008). *A animação sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção.
- Lowy, L., O'Connor, J. (1986). *Why education in the later years?* Lexington Books.
- Neely, S. Bäckman, L. (1993). Long-term maintenance of gains from memory training in older adults: two 3 ½ year follow-up studies. *Journal of Gerontology*. 48 (5), 233-237.
- Neri, A. (2004). *Velhice bem sucedida*. Campinas: Papirus.
- Parente, M. A. (2006). Envelhecimento: um processo adaptativo multifatorial. In: M. A. Parente, (Org.) *Cognição e Envelhecimento* (pp.17-18). Porto Alegre: Artmed.
- Peterson, D. (1976). Educational gerontology: The state of the art. *Educational Gerontology*, vol. 1, 61-74.
- Peterson, D. (1990). A history of education of older learners. In R. Sherron & D. Lumsden. *Introduction to educational gerontology* (pp.1-21). New York, Washington, Philadelphia, London: Hemisphere Publishing Corporation
- Peterson D., e Tompkins, C. J. (2004). Adult education. In M. Mezey, *The encyclopedia of the elder care*. NBY: Prometheus Books.
- Pinto, M. (2008). *Da aprendizagem ao longo da vida ou do exemplo de uma relação ternária: agora, antes, depois*. Porto: Cadernos de Apoio Pedagógico da FLUP.
- Portella, M. (2004). *Grupos de Terceira Idade: a construção da utopia do envelhecer saudável*. Passo Fundo: UPE.
- Requejo, O. (1994). La educación de adultos como política social. In O. Requejo (Coord). *Política de educación de adultos* (pp.41-49). Santiago de Compostela: Tórculo Ediciones.
- Requejo, O. (1998). *Sociedad del aprendizaje y tercera edad*. Santiago de Compostela: Campus Universitario de Santiago de Compostela.
- Requejo, O. (2005). *Educación permanente e educación de adultos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Requejo, O. (2008). A animação sociocultural na terceira idade. In J. Pereira, M. Vietes & M. Lopes. (Coords). *A animação sociocultural e os desafios do século XXI* (pp.117-128). Amarante: Intervenção.
- Rodrigues, R. (2009). *Avaliação comunitária de uma população de idosos*. Coimbra: Edições Mar da Palavra.
- Simões, A. (1999). *A educação dos idosos: uma tarefa prioritária*. Braga: Universidade do Minho.
- Silva, H. B. (2007). *Preparação para aposentadoria: Lições para aposentadoria: Lições de Ensinar e Aprender Fazendo*. Serra: Companhia Siderúrgica de Tubarão.
- Schons, C. R., Palma, L. T. S. (2000). *Conversando com Nara Costa Rodrigues: sobre gerontologia social*. Passo Fundo: UPE.
- Tamer, N. L. (1999). Calidad y equidad en la educación de los adultos mayores. *Escuela Abierta*, 3.
- Trilla, J. (1997) (Coord.) *Animación sociocultural. Teorías, programas y ámbitos*. Barcelona: Ariel.
- Trilla, J., Puig, J. (2004). *A pedagogia do ócio*. Porto Alegre: Artmed.
- Willis, S. L., & Nesselroade, C. S. (1990). Long term effects of fluid ability training in old-old age. *Developmental Psychology*. 26. 905-910.
- Withnall, A. (2002). Three decades of educational gerontology: achievements and challenges. *Education and ageing*. 17 (1), 87-102.
- Úcar, X. (2006). Apresentação. In J.C.Gillet. *La animación en la comunidad*. (pp.5-8). Barcelona: Ed. GRAÓ.

- Unesco (1997). *Cinquième conférence internationale sur l'éducation des adultes – la déclaration d'Hambourg légenda pou l'avenir*. Hambourg.
- Veloso, E. (2011) *Vidas depois da Reforma*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Ventosa, V. J. (2007). De que hablamos, quando hablamos de animación sociocultural? Síntesis y conclusiones del 1º Foro Electrónico Iberoamericano sobre ASC. In X.M. Cid, Américo Peres (Eds). *Educación social, animación sociocultural e desarrollo comunitario* (pp.271-280). Vigo. Universidade de Vigo, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Ventosa, V.J. (2009). Animação sociocultural e terceira idade. In J. Pereira, M. Lopes (Coords). *A animação sociocultural na terceira idade* (pp.333-341). Amarante: Intervenção.

ENVELHECIMENTO. PERSPETIVAS, PROJETOS E PRÁTICAS INOVADORAS

Organização: Maria Conceição Antunes / Maria Engrácia Leandro

Capa: Edições Húmus

© EDIÇÕES HÚMUS, LDA., 2016

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão

1.ª edição: Março de 2016

Depósito legal: 404032/16

ISBN: 978-989-755-195-6